

Ela estava a boiar, de braços abertos, a água a lamber o seu corpo, a inspirar uma fragrância estival a sal e coco. Havia na sua boca um sabor agradável a pequeno-almoço a *bacon* e café e, possivelmente, *croissants*. Ergueu o queixo e o sol da manhã reflectiu-se com tanta intensidade na água que ela teve de semicerrar os olhos às lantejoulas de luz para ver os pés à sua frente. Tinha cada unha pintada de uma cor diferente. Vermelho. Dourado. Roxo... Engraçado. O verniz não fora muito bem aplicado. Estava esborratado e com bolhas. Alguém boiava na água ao seu lado. Alguém de quem gostava muito, que a fazia rir, com as unhas pintadas da mesma forma. A outra pessoa agitou os dedos dos pés multicoloridos à laia de saudação e ela sentiu um contentamento ensonado. Algures ao longe uma voz de homem gritou: «Marco?», e um coro de vozes de crianças gritou em resposta: «Polo!» O homem gritou novamente: «Marco, Marco, Marco?» E as vozes responderam: «Polo, Polo, Polo!»¹ Uma criança riu-se; uma longa risada gorgolejante, como bolinhas de sabão. Uma voz disse baixinho e insistentemente ao seu ouvido: «Alice?», e ela inclinou a cabeça para trás, deixando a água fria cobrir silenciosamente o seu rosto.

¹ *Marco Polo* é um jogo infantil que se joga numa piscina ou na água. Todos os jogadores têm de estar na piscina e não podem sair. Aquele que apanha só pode abrir os olhos debaixo de água; se vier à superfície tem de fechá-los. Deve agarrar os outros jogadores adivinhando a sua posição da seguinte forma: quando emerge (de olhos fechados) diz a palavra «Marco!» para que os outros jogadores respondam «Polo!», revelando a sua posição. Quando um jogador é apanhado, passa a ter de apanhar os outros no jogo seguinte. (*N. da T.*)

Pequenos pontos de luz dançaram diante dos seus olhos.
Seria um sonho ou uma recordação?

— Não sei! — exclamou uma voz assustada. — Não vi acontecer!
Não era preciso fazer uma tempestade num copo de água.

O sonho ou a recordação ou o que quer que fosse dissolveu-se e desapareceu como um reflexo na água e foi substituído por fragmentos de pensamento à deriva na sua cabeça, como se ela estivesse a acordar de um sono longo e profundo a meio de uma manhã de domingo.

O queijo creme é considerado um queijo mole?

Não é um queijo duro.

Não é...

... nada duro.

Então, logicamente, iríamos pensar...

... nalguma coisa.

Algo lógico.

A alfazema é agradável.

Logicamente agradável.

Tenho de podar a alfazema!

Sinto o cheiro a alfazema.

Não, não sinto.

Sim, sinto.

Foi quando se apercebeu pela primeira vez da dor na sua cabeça. Doía de um lado, bastante, como se alguém lhe tivesse dado uma bela pancada com um martelo.

Os seus pensamentos tornaram-se mais nítidos. O que vinha a ser aquela dor de cabeça? Ninguém a avisara a respeito de uma dor de cabeça. Ela tinha uma lista de sintomas peculiares já pronta: azia, um gosto a papel de alumínio na boca, tonturas, cansaço extremo — mas nada sobre uma dor lancinante na parte lateral da cabeça. Isso devia realmente ter sido mencionado, porque era muito doloroso. Claro, se ela não era capaz de aguentar uma vulgar *dor de cabeça*, então...

O aroma a alfazema parecia ir e vir, como uma brisa suave.

Deixou-se ir de novo à deriva.

O melhor seria voltar a adormecer e regressar àquele sonho lindo com a água e as unhas dos pés multicoloridas.

Na verdade, talvez alguém tivesse mencionado as dores de cabeça e ela se tivesse esquecido... Sim, era isso! Dores de cabeça, pelo amor de Deus! Realmente más. Bestial.

Tanta coisa para lembrar. Nada de queijos moles ou de salmão fumado ou de *sushi* por causa do risco daquela doença que ela nunca soubera que existia. Listeriose. Algo relacionado com bactérias. É prejudicial para o bebé. Por isso não era permitido comer restos. Uma dentada numa coxa de frango da véspera podia matar o bebé. As responsabilidades brutais da maternidade.

Por enquanto, ela iria voltar a dormir. Era a melhor coisa.

Listeriose.

Simbiose.

A simbiose é a associação recíproca de dois ou mais organismos.

Listeriose, simbiose.

Ah! Palavras engraçadas.

Sorriu, mas a sua cabeça doía realmente muito. Estava a tentar ser corajosa.

— Alice? Consegues ouvir-me?

O cheiro a alfazema ganhou força novamente. Um pouco adocicado.

O queijo creme é um queijo para barrar. Não demasiado mole nem demasiado duro, mas com a consistência correcta. Como a cama do urso bebé.

— As pálpebras dela estão a agitar-se. Como se ela estivesse a sonhar.

Não adiantava. Não conseguia voltar a adormecer, embora se sentisse exausta, como se pudesse dormir para sempre. Andariam todas as grávidas com dores de cabeça como aquela? O objectivo seria prepará-las para as dores do trabalho de parto? Quando se levantasse iria investigar o tema num dos livros do bebé.

Esquecia-se sempre de como a dor era tão perturbadora. Cruel. Feria os nossos sentimentos. Só queria que ela parasse, por favor, agora mesmo. As epidurais eram o caminho a seguir. Uma epidural para a minha dor de cabeça, por favor. Obrigada.

— Alice, tenta abrir os olhos.

O queijo creme seria mesmo *queijo*? Não se punha uma colherada de queijo creme num prato de queijos. Talvez queijo não significasse realmente queijo no contexto do queijo creme. Ela não

ia fazer perguntas ao médico a esse respeito, não fosse ser um erro constrangedor, tipicamente seu.

Não era capaz de se pôr confortável. O colchão parecia betão frio. Se esticasse o pé para o lado, poderia tocar em Nick até ele se virar ensonado e a puxar para si num grande e quente abraço à urso. O seu saco de água quente humano.

Onde estava Nick? Já se teria levantado? Talvez estivesse a fazer-lhe um chá.

— Não tentes mexer-te, Alice. Fica quieta e abre os olhos, querida.

Elisabeth haveria de saber tudo a respeito do queijo creme. Iria resfolegar com o seu típico ar de irmã mais velha e responderia com exactidão. A mãe não faria a mais pálida ideia. Ficaria destroçada. Diria: «Oh, céus, oh, não! Tenho a certeza de que comi queijos moles quando estava grávida de vocês, meninas! Na altura não sabiam nada sobre essas coisas.» Falaria sem parar e preocupar-se-ia que Alice infringisse acidentalmente uma regra. A mãe acreditava em regras. Alice também. Frannie não haveria de saber, mas iria investigar, orgulhosamente, no seu computador novo, tal como uma vez ajudara Alice e Elisabeth a encontrarem informações para os projectos escolares na sua *Enciclopédia Britânica*.

Doía-lhe mesmo a cabeça.

Provavelmente, aquilo era apenas uma fracção ínfima da dor do trabalho de parto. Portanto era bestial.

Não que ela tivesse realmente *comido* algum queijo creme de que se lembrasse.

— Alice? *Alice!*

Nem sequer gostava muito de queijo creme.

— Alguém chamou uma ambulância?

Lá estava de novo aquele cheiro a alfazema.

Uma vez, quando estavam a desapertar os cintos de segurança, Nick declarara (em resposta a algo que ela acabara de dizer à procura de um elogio), a mão no fecho da porta do carro: «Não sejas ridícula, querida, sabes que estou louco por ti.»

Ela abriu a porta do carro e sentiu o sol nas pernas e o cheiro da alfazema que plantara junto à porta da frente.

Louco por ela.

Foi um momento de felicidade perfumado com alfazema, depois das compras no supermercado.

— Está a acordar. Telefonei para o zero, zero, zero! Foi a primeira vez na vida que liguei para o zero, zero, zero! Senti-me acabrunhada. Quase liguei para o novecentos e onze como uma americana. Cheguei a premir o nove. Aí está a prova de que vejo demasiada televisão.

— Espero que não seja, hum, grave. Quero dizer, não posso, hum, ser processada, pois não? Não acho que a minha coreografia fosse assim tão difícil, pois não?

— Acho que aquela última pirueta rodada foi um pouco de mais quando já estávamos tontas da outra volta depois do pontapé duplo.

— Isto é uma aula avançada! As pessoas queixam-se se é fácil. Eu dou *opções*. Ensino em camadas. Caramba, ouço reclamações faça o que fizer!

Estaria a ouvir um fórum na rádio? Odiava os fóruns na rádio. As pessoas que ligavam eram tão irritadiças e nasaladas. Estavam sempre chocadas com alguma coisa. Alice disse uma vez que nunca ficara chocada com nada. Elisabeth disse que ela era um choque!

Manteve os olhos fechados e perguntou em voz alta:

— Tens o rádio ligado, Nick? É que acho que me dói a cabeça. — A sua voz soou petulante, o que não era normal, mas afinal de contas estava *grávida* e doía-lhe a cabeça e tinha frio e não se sentia... bem.

Seriam enjoos matinais?

Seria de manhã?

Oh, *Alice*.

— Alice, consegues ouvir-me? Consegues ouvir-me, Alice?

Sultana, consegues ouvir-me? Consegues ouvir-me, Sultana?

Todas as noites, antes de adormecerem, Nick falava com o bebé por um rolo de papel higiénico vazio encostado à barriga de Alice. Ouvira aquela ideia num programa de rádio. Diziam que assim o bebé iria aprender a reconhecer a voz do pai, bem como a da mãe.

— Olá! — dizia ele. — Consegues ouvir-me, Sultana? Aqui fala o teu pai! — Tinham lido que o bebé era agora do tamanho de

uma sultana. Por isso lhe chamavam assim. Só em privado, é claro, eram uns futuros pais modernos e serenos. Nada de lamechices em público.

Sultana disse que estava bem, obrigada, pai, às vezes aborrecida, mas bem. Parece que queria que a mãe dele deixasse de comer toda aquela treta verde chata e comesse uma piza para variar. «Basta de comida de coelho!», exigiu.

Parecia que Sultana devia ser um rapaz. Aparentava ter uma personalidade masculina. O pequeno ladino. Ambos estavam de acordo neste assunto.

Alice deitava-se de barriga para cima e olhava para o cimo da cabeça de Nick. Havia alguns fios prateados brilhantes. Ela não sabia se ele tinha conhecimento deles, pelo que não os mencionou. Ele tinha trinta e dois anos. Os fios de prata fizeram os seus olhos encherem-se de lágrimas. Todas aquelas hormonas malucas da gravidez.

Alice nunca falava em voz alta ao bebé. Falava-lhe com a mente, timidamente, quando estava no banho (não muito quente — tantas regras). *Olá, bebé*, pensava de si para si, e então sentia-se tão maravilhada com aquele milagre que batia na água com a palma das mãos como uma criança a pensar no Natal. Iria fazer trinta em breve, tinha uma hipoteca assustadora e um marido e um bebé a caminho, mas não se sentia muito diferente de quando tinha quinze anos.

Só que não havia momentos de felicidade depois da ida às compras quando ela tinha quinze anos. Ainda não encontrara Nick. O seu coração ainda tivera de ser destroçado algumas vezes antes de ele aparecer e colar os cacos com expressões como «louco por ti».

— Alice? Estás bem? Por favor, abre os olhos.

Era a voz de uma mulher. Demasiado alta e estridente para ser ignorada. Arrastou-a de volta à consciência e não a deixou partir.

Era uma voz que provocou em Alice uma incomodativa sensação familiar, como *collants* demasiado apertados.

Esta pessoa não pertencia ao seu quarto.

Virou a cabeça para um lado.

— Ai!

Abriu os olhos.

Viu uma mancha de cores e formas irreconhecíveis. Não conseguia sequer ver a mesa-de-cabeceira para pegar nos óculos. Os seus olhos deviam estar piores.

Pestanejou e pestanejou de novo e então, como um telescópio a ficar nítido, tudo se focou. Estava a olhar para os joelhos de alguém. Que engraçado.

Joelhos pálidos ossudos.

Levantou a cabeça um bocadinho.

— *Aí estás!*

Com tanta gente, tinha de ser Jane Turner, colega do trabalho, ajoelhada ao lado dela. Tinha o rosto vermelho e alguns cabelos suados colados à testa. Os seus olhos pareciam cansados. Tinha um pescoço rechonchudo e mole. Alice nunca reparara nele antes. Vestia uma *T-shirt* com grandes marcas de suor e calções, e os seus braços eram finos e brancos, com sardas escuras. Alice nunca tinha visto tanto do corpo de Jane antes. Era embaraçoso. Pobre e velha Jane.

— Listeriose, simbiose — disse Alice, para ser engraçada.

— Estás a delirar — disse Jane. — Não tentes sentar-te.

— *Humpf* — fez Alice. — Não quero sentar-me. — Tinha a sensação de que não se encontrava na cama; parecia estar deitada num chão frio laminado. Estaria bêbeda? Ter-se-ia esquecido de que estava grávida e embebedara-se *delirantemente*?

O seu obstetra era um homem cortês que usava laço e tinha um rosto redondo desconcertantemente semelhante a um dos ex-namorado de Alice. Dissera-lhe que não tinha qualquer problema com, «digamos, um aperitivo, seguido de um copo de vinho ao jantar». Alice achou que aperitivo devia ser uma determinada marca de bebida. («Oh, *Alice*», disse Elisabeth.) Nick explicou-lhe que um aperitivo era uma bebida antes do jantar. Nick vinha de uma família que bebia aperitivos. Alice vinha de uma família com uma garrafa empoeirada de *Baileys* à espera na parte de trás da despensa, atrás das latas de esparquete. Apesar do que o obstetra dissera, ela só bebera metade de um copo de champanhe desde que fizera o teste de gravidez e sentia-se culpada por isso, apesar de toda a gente dizer que não fazia mal.

— Onde estou? — perguntou Alice, aterrorizada com a resposta. Estaria nalgum clube nocturno decadente? Como poderia explicar a Nick que se esquecera de que estava grávida?

— Estás no ginásio — respondeu Jane. — Caíste e desmaiaste. Ias-me provocando um ataque cardíaco, embora tenha ficado contente com a desculpa para parar.

No ginásio? Alice não ia a ginásios. Teria acordado *bêbeda* num *ginásio*?

— Perdeste o equilíbrio — disse uma voz aguda e alegre. — Foi uma queda e peras! Deixaste-nos a todas em choque, sua tolinha! Chamámos uma ambulância, por isso não te preocupes, vem aí ajuda profissional!

Ajoelhada ao lado de Jane estava uma rapariga magra, bronzeada com um rabo-de-cavalo platinado, calções de licra brilhantes e um *top* vermelho cortado com as palavras ADORO STEP escritas à frente. Alice sentiu uma imediata antipatia por ela. Não gostava de ser tratada por tolinha. Ofendia a sua dignidade. Um dos defeitos de Alice, segundo a sua irmã Elisabeth, era uma tendência para se levar demasiado a sério.

— Desmaiei? — perguntou Alice, esperançosa. As grávidas desmaiavam. Ela nunca desmaiara na vida, apesar de ter passado a maior parte da quarta classe a praticar, na esperança de poder ser uma daquelas sortudas que desmaiavam durante a missa e tinham de ser levadas para fora, transportadas nos braços musculosos do seu professor de Educação Física, Mr. Gillespie.

— É que estou *grávida* — disse ela. Ela que visse a quem é que estava a chamar tolinha.

Jane ficou de boca aberta.

— Credo, Alice, não estás nada!

A Rapariga Que Adorava *Step* franziu a boca como se tivesse apanhado Alice a ser impertinente.

— Céus, querida, eu perguntei no início da aula se havia alguma grávida. Não devias ter sido tão tímida. Eu teria sugerido modificações.

A cabeça de Alice doía. Nada do que elas diziam fazia sentido.

— Grávida — disse Jane. — Nesta altura. Que desastre.

— Não é nada. — Alice pousou uma mão protectora na barriga, para que Sultana não ouvisse e se ofendesse. A sua situação financeira não era da conta de Jane. As pessoas deviam ficar felizes quando se anunciava uma gravidez.

— Quero dizer, o que vais *fazer*? — perguntou Jane.

Pelo amor de Deus!

— Fazer? O que queres dizer, o que vou fazer? Vou ter um bebé.

— Fungou. — Cheiras a alfazema. Eu sabia que me cheirava a alfazema. — O seu olfacto estava bastante apurado por causa da gravidez.

— É o meu desodorizante. — Jane não parecia realmente ela própria. Os seus olhos não pareciam bem. Era bastante perceptível. Talvez precisasse de começar a utilizar algum creme para os olhos.

— Estás bem, Jane?

Jane bufou.

— Estou óptima. Preocupa-te contigo, mulher. Tu é que és a grávida que se anda a cansar.

O bebé! Fora tão egoísta ao pensar na cabeça ferida, quando se devia ter preocupado com a coitadinha da Sultana. Que tipo de mãe iria ela ser?

— Espero não ter magoado o bebé quando caí.

— Ah, os bebés são muito rijos, eu não me preocupava com isso.

Era a voz de outra mulher. Pela primeira vez, Alice olhou para cima e reparou numa multidão de mulheres de meia-idade com os rostos vermelhos, mulheres de meia-idade em roupa de ginástica à sua volta. Algumas estavam inclinadas para a frente, a olharem para ela com um interesse ávido, enquanto outras tinham as mãos nas ancas e conversavam umas com as outras como se estivessem numa festa. Pareciam encontrar-se numa sala comprida com iluminação fluorescente. Conseguia ouvir música em algum lugar distante, sons de metal a bater e uma súbita explosão de riso masculino alto.

— Embora você não devesse estar a fazer exercícios de grande esforço se está grávida — disse outra mulher.

— Mas eu não faço *nenhum* exercício — disse Alice. — Devia fazer mais exercício.

— Tu, minha menina, não podias fazer mais exercício se tentas-
ses — disse Jane.

— Não sei do que estás a falar. — Olhou em volta para as caras
estranhas. Tudo aquilo era tão... disparatado. — Não sei onde
estou.

— Ela deve ter uma contusão — sugeriu alguém animada-
mente. — As pessoas com contusões sentem-se confusas e desori-
entadas.

— Oooh, ouçam a senhora doutora!

— Acabei de fazer um curso de primeiros socorros na escola.
Lembro-me dessa frase. Confusa e desorientada. É preciso ver se há
compressão cerebral. Isso é muito perigoso.

A Rapariga Que Adorava *Step* parecia assustada e fez uma festa
no braço de Alice.

— Oh, querida, ÉS CAPAZ DE TER UMA CONTUSÃO.

— Sim, mas não acho que isso a deixe surda — comentou Jane
secamente. Baixou a voz e aproximou a cabeça de Alice. — Está
tudo bem. Estás no ginásio, na tua aula de *step* das sextas, para onde
me querias arrastar há que séculos, lembras-te? Não consigo ver
onde está o interesse, realmente. Enfim, deste uma queda especta-
cular e bateste com a cabeça, só isso. Vais ficar bem. Mais impor-
tante, porque não disseste que estavas grávida?

— O que é uma aula de *step* das sextas? — perguntou Alice.

— Oh, isto está *mau*! — exclamou Jane animadamente.

— A ambulância chegou! — anunciou alguém.

A Rapariga Que Adorava *Step* ficou tonta de alívio. Pôs-se em
pé e enxotou as senhoras como uma dona de casa enérgica com uma
vassoura.

— Muito bem, pessoal, vamos dar-lhes algum espaço, está bem?

Jane manteve-se de joelhos no chão ao lado de Alice, dando-lhe
distraidamente palmadinhas no ombro. Depois parou.

— Eh, lá! Porque é que só tu é que tens sorte?

Alice virou a cabeça e viu dois homens bonitos de macacão azul
a caminharem em direcção a elas, transportando material de primei-
ros socorros. Constrangida, ela tentou sentar-se.

— Fique aí, querida — gritou o mais alto.

— Parece mesmo o George Clooney — murmurou Jane ao ouvido dela. E era verdade. Alice não pôde deixar de se sentir mais animada. Parecia que tinha acordado num episódio de *Serviço de Urgência*.

— Ora viva. — George Clooney agachou-se ao lado delas, as grandes mãos a descansarem entre os joelhos. — Como se chama?

— Jane — respondeu. — Ah. Ela é Alice.

— Qual o seu nome completo, Alice? — George tomou-lhe delicadamente o pulso e encostou-lhe dois dedos.

— Alice Mary Love.

— Deu uma bela queda, não foi, Alice?

— Parece que sim. Não me lembro de nada. — Alice sentia-se lacrimejante e especial, como era normal quando falava com qualquer profissional de saúde, até com um farmacêutico. Culpava a mãe por fazer muito estardalhaço quando ela estava doente em criança. Ela e Elisabeth eram umas grandes hipocondríacas.

— Sabe onde está? — perguntou George.

— Nem por isso — respondeu Alice. — Parece que estou num ginásio.

— Ela caiu durante a aula de *step*. — Jane ajeitou o sutiã sob o seu *top*. — Eu vi a queda acontecer. Ela caiu para trás de forma bastante impressionante e bateu com a cabeça no chão. Esteve inconsciente uns dez minutos.

A Rapariga Que Adorava *Step* reapareceu, rabo-de-cavalo a balançar, e Alice olhou para as suas longas pernas macias e ventre liso e duro. Parecia um ventre a fingir.

— Acho que ela perdeu a concentração durante um minuto — disse a Rapariga Que Adorava *Step* a George Clooney no tom confidencial de um profissional a falar com outro. — Eu realmente não recomendo este tipo de aula a grávidas. E *perguntei* se alguma delas o estava.

— De quantas semanas está, Alice? — perguntou George.

Alice abriu a boca para responder e para sua surpresa encontrou um espaço em branco na sua cabeça.

— Treze — disse ela após um segundo. — Quero dizer, catorze. Catorze semanas. — Tinham feito a ecografia das doze semanas há,

pelo menos, duas semanas. Sultana tinha dado um salto um pouco estranho, semelhante a um movimento de dança disco, como se alguém lhe tivesse tocado nas costas, e, a seguir, Nick e Alice tinham tentado imitar o movimento para as outras pessoas. Toda a gente fora educada e dissera que era notável.

Ela pousou de novo uma mão na barriga e pela primeira vez reparou no que vestia. Ténis e meias brancas. Calções pretos e um *top* amarelo com uma estampagem dourada. Parecia ser uma imagem de um dinossauro com um balão a sair da boca, a dizer: *ROCK ON. Rock on?*

— De onde vieram estas roupas? — perguntou ela a Jane com ar acusador. — Não são minhas.

Jane arqueou uma sobrancelha e olhou para George.

— Tenho um dinossauro na camisola — comentou Alice, espantada.

— Que dia da semana é hoje, Alice? — perguntou George.

— Sexta — respondeu Alice. Estava a fazer batota porque Jane lhe tinha dito que estavam na aula de *step* das sextas. O que quer que isso fosse.

— Lembra-se do que comeu ao pequeno-almoço? — George examinou cuidadosamente o lado da sua cabeça enquanto falava. O outro paramédico prendeu-lhe um monitor de pressão arterial ao braço e começou a apertar a bomba.

— Torrada com manteiga de amendoim?

Isso era o que geralmente comia ao pequeno-almoço. Parecia uma aposta segura.

— Ele não *sabe* realmente o que comeste — disse Jane. — Quer saber se tu te *lembras* do que comeste.

O monitor de pressão arterial apertou o braço de Alice.

— Faça-me a vontade, Alice, e diga-me o nome do nosso ilustre primeiro-ministro — pediu George.

— John Howard — respondeu Alice obedientemente. Esperava que não houvesse mais perguntas sobre política. Não era o seu forte. Nunca deixava de ficar suficientemente aterrorizada.

Jane emitiu um som estranho de escárnio e alegria.

— Oh. Ah. Mas ele ainda é o primeiro-ministro, não é? — Alice

estava mortificada. As pessoas iam gozá-la por causa daquilo nos próximos anos. Oh, *Alice*, não sabes quem é o primeiro-ministro! E se ela tivesse perdido uma eleição? — Mas eu tenho a certeza de que ele é o primeiro-ministro.

— E em que ano estamos? — George não pareceu muito preocupado.

— Mil novecentos e noventa e oito — respondeu *Alice* prontamente. Sentia-se confiante a respeito daquilo. O bebé nasceria no ano seguinte, em 1999.

Jane tapou a boca com a mão. *George* ia para falar, mas *Jane* interrompeu-o. Ela pousou uma mão no ombro de *Alice* e olhou para ela atentamente. Os olhos estavam arregalados de excitação. Pequenas bolas de rímel pairavam sobre as extremidades das pestanas. A combinação do desodorizante de alfazema com o hálito a alho era bastante avassaladora.

— Quantos anos tens, *Alice*?

— Tenho vinte e nove anos, *Jane* — *Alice* estava irritada com o tom dramático de *Jane*. Onde queria ela chegar? — A mesma idade que tu.

Jane endireitou-se e olhou para *George Clooney* triunfante.

— Acabei de receber um convite para o quadragésimo aniversário dela — disse.

Aquele foi o dia em que *Alice Mary Love* foi ao ginásio e fez desaparecer por acaso uma década da sua vida.